



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION  
NOVEMBER 2016

**PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II**

**MARKING GUIDELINES**

Time: 2 hours

70 marks

---

**These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.**

**The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.**

---

Responda apenas a **duas** perguntas.

## SECÇÃO A ROMANCE/NOVEL

### PERGUNTA 1

1.1 O autor deseja chamar a atenção para a situação de Moçambique do pós-guerra, repleto de corrupção e discriminação. Exibe-se uma crítica à classe dirigente, eivada de governantes que se preocupam exclusivamente em satisfazer os seus interesses pessoais, desvalorizando a tradição local e vendendo o país ao estrangeiro. De certo modo, à semelhança do que se passa nas tragédias clássicas, a denúncia provoca a catarse que conduzirá à consocialização dos deveres inerentes à governação. (4)

1.2 **Éticos e sociais**  
O senhor sabe: ele anda metido em maltas duvidosas que roubam e até inclinam para negócios de droga. Eu estou preocupado e lhe entreguei a ambulância que um projecto mandou para apoiar a saúde. Eu desviei a viatura para o moço fazer uns negócios de transporte. Entretinha-se e sempre rendia.

#### **Religiosos**

por causa e culpa dos governantes que não respeitam as tradições, não cerimoniam os antepassados.

#### **Económicos**

Uma grande maçada, essas maltas pobres, se não fossem elas até a nossa tarefa estaria facilitada. (2)

1.3 A obra de Mia Couto contém uma crítica corrosiva e mordaz aos que estão mais interessados em semear a guerra porque esta lhes traria lucros vis; aponta a miséria do povo, a relação explorador / explorado, pois as condições sociais não diferem muito das do passado visto uma minoria aproveitar-se da maioria, como se pode verificar na seguinte citação:

- *Que estão fazendo, meus heróis?*
- *Você não pediu que expulsássemos os opressores?*
- *Sim, pedi.*
- *Pois então estamos expulsando a si.*
- *A mim!?*
- *A si e aos outros que abusam do Poder.*

A resposta tem de demonstrar conhecimento da obra. Aspectos a abordar: a corrupção, a diferença entre ricos e pobres, a falta de moral dos governantes, a perda de contacto com as raízes, e muitos outros aspectos que são abordados no livro que se espera que sejam, pelo menos, mencionados. (4)

1.4 A ironia é que todas as guerras se fazem com o pretexto de se melhorar a situação em todas as possíveis vertentes. Isso não aconteceu, o país mergulha na pobreza e na corrupção; pede-se descaradamente "presentes" aos possíveis investidores. O cidadão não é protegido e os seus direitos são violados. Esta pergunta pode ser abordada de outra forma e aceitar-se-ão outras respostas se coerentes e apoiadas nos temas da obra. (4)

- 1.5 1.5.1 A palavra descontrói a importância do que o povo diz e espalha; boatos. (3)
- 1.5.2 Espalhar-se à boca pequena; os rumores/boatos que se espalham rapidamente mas que não têm veracidade. (3)
- 1.5.3 Ermelinda diz que o marido é um diabo/demónio corrupto que se aproveita dos outros, mas burro. Implicitamente, acusa o marido de não ter sabido "corromper-se". (3)
- 1.6 "São pretos, sim, como eu. Contudo, não são da minha raça. Uma grande maçada, essas maltas pobres, se não fossem elas até a nossa tarefa estaria facilitada." O comentário é livre. (4)
- 1.7 "A minha dúvida, Excelentíssimo Camarada, é a seguinte: não será que o padre Muhandó tem razão? Não será que deveríamos cuidar melhor da vida das massas? Porque a verdade é que o caracol nunca deita fora a sua concha. O povo é a concha que nos abriga. Mas pode, repentinamente, tornar-se no fogo que nos vai queimar."
- Se as dificuldades sociais e económicas do povo não fossem colmatadas, poderia deflagrar uma nova revolução que quase se antevia no descontentamento do povo. A sugestiva imagem da concha esclarece que os governantes dependem do povo e a insatisfação deste punha em perigo as posições políticas. Revela também que o administrador tem a noção do seu grande abuso de poder, que se poderia virar contra ele próprio. É uma ironia que os governantes tenham a noção do que fazem e não tomem medidas que o impeçam. (4)
- 1.8 A simbologia do flamingos é fundamental em toda a obra. O flamingo representa o recomeçar, a crença de que o seu regresso fará nascer o dia, isto é, o renascer do país que mergulhara na escuridão da corrupção, do abuso do poder e da discriminação, vertentes devido às quais deflagrara uma guerra que opusera irmão contra irmão. É de notar que o flamingo "parecia a própria luz a voar e conseguiu espalhar as suas cores no horizonte. Transformou o azul em rosa, roxo e lilás: Nascia, assim, o primeiro poente". Em suma, o flamingo representa e esperança e a paz. As cores rosa, roxo e lilás poderão ser interpretadas. (4)

[35]

OU

## PERGUNTA 2

No pós-guerra, a intervenção dos países ocidentais caracterizava-se pela superioridade protetora e pela defesa dos seus interesses. Poucas mudanças havia em relação ao tempo colonial. Tinham-se passado cerca de 25 anos sobre a independência e as promessas mais urgentes não tinham sido cumpridas. *O último voo do flamingo* contém uma denúncia acérrima da intervenção estrangeira nas decisões internas do país e as suas consequências, assim como a incapacidade de Moçambique construir a sua própria identidade. O autor do livro, através do narrador-tradutor, considera que as Nações Unidas invadiram Moçambique – país fragilizado por anos de guerra colonial quase depois seguida pela guerra civil – que via a sua soberania diminuída, o que prejudicava o real desenvolvimento do país. A intervenção estrangeira não se acomoda às diferenças sociais e aos valores, costumes e hábitos locais nem tenta conhecê-los ou compreendê-los.

Mia Couto desconstrói sugestivamente o primeiro verso do soneto de Luís de Camões "Mudam-se os tempos mudam-se as vontades" – *Mudam-se os tempos desnudam-se as vontades*, que aptamente se encaixa na valorização dos interesses pessoais das elites governativas. O administrador Jonas até usava o gerador do hospital em proveito próprio. O tempo passa e os interesses pessoais vão-se revelando, desnudando.

As explosões fazem parte do desejo veemente e fundamental do processo de emancipação da nação. Os pénis foram encontrados ao pé de boinas azuis, isto é, as boinas usadas pelas forças das Nações Unidas. Aqui se nota a indignação contra a intervenção estrangeira e a falta de poder governativo no país.

Foi a chegada da força de paz internacional a Tizangara, metonímia de Moçambique, que provocou a prostituição na vila, onde até então nem palavra havia na língua local para nomear "prostituta". Os pénis decepados representam igualmente a castração do poder estrangeiro, a incapacidade de reprodução da intervenção estrangeira e a negação de uma possível identidade imposta de fora. Preconiza-se um regresso à pureza dos costumes locais e à auto suficiência governativa.

[35]

## SECÇÃO B PEÇA DE TEATRO/DRAMA

### PERGUNTA 3

3.1 O Senhor estava risonho porque vai a casa de Juca para ludibriar Maria, por isso deleita-se antecipadamente com a vitória e com o tipo de mulher simples que encontra. (3)

3.2 Maria: Só. O senhor deve ser muito importante e eu não sei se é falta de educação perguntar. (*O Senhor sorri*). Os hábitos das pessoas importantes são tão diferentes dos nossos ...

A terceira fala de Maria mostra o grande abismo que havia entre as classes, entre os ricos e os pobres, entre os exploradores e os explorados. Não havia qualquer contacto entre as classes e a fala revela um completo desconhecimento sobre o *modus vivendi* das classes superiores. Para Maria, todas as pessoas importantes pertenciam a classes elevadas. No fundo, a fala de Maria reflete as inquietações da classe trabalhadora quando em contacto com classes superiores. A resposta pode ser mais desenvolvida e aceitar-se-ão outras respostas se puderem ser aceites à luz da mensagem da obra. (5)

3.3 O Senhor vai a casa de Juca para se apoderar dos planos da invenção. Sabe que ele fica até mais tarde na fábrica a trabalhar no seu projeto, tem a certeza de não o encontrar em casa. É malicioso e dissimulado. (4)

3.4 Maria demonstra ser uma mulher muito simples, sem instrução, ignorante. A sua maneira de falar é infantil e talvez possamos inferir uma certa debilidade mental.

O Senhor é um indivíduo que se aproveita dos outros, no caso da simplicidade de Maria. É um sujeito ambicioso e sem escrúpulos para conseguir os seus fins. (6)

3.5 3.5.1 A didascália inclui diversas informações. É um texto secundário dirigido ao encenador e aos actores que serve de suporte ao texto dramático (texto principal), com a listagem das personagens, indicações sobre a disposição do cenário, a entrada e saída das personagens, a iluminação, o som (que é muito importante devido ao significado implícito), a maneira como as personagens devem estar vestidas, os acessórios e adereços que completam o vestuário, a entoação com que devem proferir as falas, o estado de espírito, se devem rir ou chorar, olhar com ódio, os gestos e muitas outras indicações. A didascália poderá ter a característica descritiva, mas não raras vezes assume um pendor explicativo e emotivo e é indispensável numa peça de teatro. (5)

3.5.2 Maria: Boa noite! (*Limpendo uma cadeira com o avental*). Faça favor de sentar-se.

Demonstra a subserviência de Maria, uma mulher do povo. O avental mostra que é uma simples dona de casa.

Maria: (*Contente*). Não perguntei ainda porque o senhor está tão bem vestido ...

A didascália reforça a ideia de simplicidade de Maria.

Maria: Só. O senhor deve ser muito importante e eu não sei se é falta de educação perguntar. (*O Senhor sorri*). Os hábitos das pessoas importantes são tão diferentes dos nossos...

Embora a didascália não aponte, infere-se que o Senhor ri da simplicidade de Maria com ironia, já convicto de que conseguirá o propósito que o levou a casa de Juca.

Senhor: (*Sorrindo-lhe e apertando-lhe a mão*). Foi distração. Boa noite...

O que poderá parecer uma correção de comportamento, leva a crer que será uma tática para convencer Maria.

Maria: (*Espantada*). Ah! (*Limpendo a cadeira*). Faça o favor de sentar-se!

Mais uma vez reforça a candura de Maria.

Maria: (*Reparando nele*). Juca é um mentiroso!

Maria olha bem para o Senhor para verificar se de facto o rosto se parece com o de um chimpanzé. Presume-se que deve ser um olhar demorado e investigativo.

Maria: (*Indignada*). Pois eu vou mostrar ao senhor! (*Sai apressada. O Senhor levanta-se, visivelmente contente, e vai à porta da entrada espreitar. Maria volta, trazendo um canudo de lata*). Está tudo aqui neste canudo! (*Entrega-o*). Faça o favor de ver! (*O Senhor retira os desenhos e examina-os rapidamente*). O senhor está muito enganado! Juca é o homem mais inteligente do mundo!

A didascália deste excerto, para além de indicar a movimentação das personagens, expressa também o estado emotivo. Maria sente-se ofendida, e o Senhor examina os planos da invenção de Juca com um breve olhar a fim de se não demorar. Não convem que se demore mais.

(6)

3.6 Ingénua, deixa-se conduzir pelo Senhor, que não tem escrúpulos, e divulga o segredo do marido. Não se dá conta de que está a ser maquiavelmente manipulada e explorada pois acredita, sinceramente, na honradez das classes superiores.

O Senhor rouba os planos da invenção de Juca que tenta reavê-los mais tarde mas, nessa ação, é acusado de ladrão, é preso e condenado. Foi esta injustiça que o levou a ser Mendigo a fim de cobrar da sociedade o que esta lhe devia, visto que as pessoas a quem pedia esmola pertencem todas à classe social do Senhor, à classe dos exploradores, daqueles que se aproveitam dos mais fracos.

(6)

[35]

**OU**

**PERGUNTA 4**

A desenvolver: o conflito entre ricos e pobres, entre exploradores e explorados. A denúncia e o protesto para fazer nascer a moralidade e "purificar" a sociedade.

**[35]**

## SECÇÃO C CONTO/SHORT STORY

### PERGUNTA 5

- 5.1 Galafura é apresentada no topo da montanha, "vista da terra chã parece o talefe do mundo": está separada da planície, isto é, das coisas fáceis para o homem, repleta de elevação, de pureza e espiritualidade. Antigamente o topo dos montes era considerado um lugar sagrado por ser aí a morada dos deuses. Nota-se a mesma sacralização. A chegada a Galafura requeria sacrifício, o que valoriza a sacralidade, a transcendência.  
Maria Lionça é descrita com as mesmas cores paralelas à descrição da aldeia. Galafura é simples, nada tem de valor, o mesmo se passa com Maria Lionça: "e nem ler sabia! Bens – os seus dons naturais. Mais nada. / ... /Nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre" / ... !  
Maria Lionça é nimbada com a mesma espiritualidade, mas de uma maneira mais intensa ainda, religiosa mesmo, como se constata na comparação: "Fala-se nela e paira logo no ar um respeito silencioso, uma emoção contida, como quando se ouve tocar a Senhor fora". E a sua vida fora repleta de sacrifício. (10)
- 5.2 Espera-se que os candidatos reparem que a espiritualidade, as dificuldades e o sacrifício de se chegar e viver em Galafura são as características da vida de Maria Lionça, exemplo de fidelidade, lealdade e força de caráter. O candidato deve elaborar mais, como por exemplo notar que Galafura é uma personagem coletiva que vai sendo gradualmente humanizada e que há uma reciprocidade entre a aldeia e a personagem central do conto. (6)
- 5.3 Diz-se que começa em *ultima res* porque a narração se inicia com a morte de Maria Lionça, "Nasceu pobre, viveu pobre, morreu pobre", "Quando Deus a levou, num Março que se esforçava por dar remate prazenteiro a três meses de invernia sem paralelo na lembrança dos velhos, Galafura não quis acreditar". Só depois se inicia a narração da vida de Maria Lionça. (5)
- 5.4 5.4.1 Imagem. Aceita-se comparação. Os candidatos têm de justificar a resposta. (3)
- 5.4.2 Personificação. Os candidatos têm de justificar a resposta. (3)
- 5.4.3 Metáfora. Os candidatos têm de justificar a resposta. (3)
- 5.5 Os candidatos devem notar: o choque, a tristeza, o respeito, espanto, não queriam acreditar na morte de Maria Lionça, que ali passara a vida e se tornara o próprio esteio, símbolo da aldeia, etc. (5)
- [35]

OU

### PERGUNTA 6

A caracterização deve ser detalhada e comparando Maria Lionça à aldeia onde nascera, vivera e morrera e à dificuldade da vida na montanha, que molda indivíduos altivos e duros.

[35]



## SECÇÃO D POESIA/POETRY

### PERGUNTA 7

- 7.1 Soneto. Possui 14 versos que se agrupam em 2 quadras e dois tercetos. (3)
- 7.2 7.2.1 Quadras – abba – rima interpolada  
Tercetos – cdcddc – rima cruzada ou alternada (4)
- 7.2.2 As quadras possuem rima formada por versos graves.  
Tercetos – os versos em "c" são graves, e em "d" são agudos. (4)
- 7.2.3 Quadras – Entre "partiste" e "triste" é rica (verbo e adjetivo); entre "descontente" e "eternamente" é rica (adjetivo e advérbio de modo). Entre "subiste" e "viste" é pobre (dois verbos); entre "consente" e "ardente" é rica (verbo mais adjetivo).
- Tercetos – Entre "merecer-te", "perder-te" e "ver-te" é pobre (verbos); entre "ficou", "encurtou" e "levou" é pobre (verbos). (4)
- 7.3 Al / gu / ma / cou / sa a / dor / que / me / fi / cou /  
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 (3)
- 7.4 O eu poético vive eivado de tristeza e dor pedindo à amada que interceda por ele, para que depressa se lhe vá juntar no prosseguimento de um amor puramente platónico. Os candidatos terão de aprofundar mais os sentimentos. (5)
- 7.5 Duas partes – o cá e o lá que devem ser detalhadamente explicadas.
- As três primeiras estâncias – o sujeito poético pede que a amada, no lá, não se esqueça do amor que ele lhe dedicara. O último terceto – o pedido – o eu da enunciação pede que a amada interceda junto a Deus para que ele se lhe reúna depressa, assim renunciando à vida. É o clássico amor platónico que, neste soneto, é também o contraste entre o céu (onde ela se encontra) e a terra – o sujeito (onde ele vive). (5)
- 7.6 ... que te partiste / Tão cedo desta vida ... – refere a morte da amada enquanto muito jovem.
- Se lá no assento etéreo, onde subiste – Refere o céu, o reino espiritual a que ela ascendeu por ter morrido (onde subiste) (4)
- 7.7 Al / **ma minha** / gentil
- A cacofonia acima tem sido criticada ao longo dos tempos devido ao som desagradável criado. (3)

[35]

## OU

### PERGUNTA 8

Transcrevem-se umas linhas que poderão servir de orientação à correção do poema de José Craveirinha. Porém, o candidato deverá notar a polifonia, a liberdade da estrutura estrófica e da rima e seus significados.

*Curioso é o jogo polifónico no poema "Poema do Futuro Cidadão" (p. 18) que constrói a imagem da antevisão da vitória sobre o jugo colonial e da futura nação independente. Este porvir é profetizado pela voz de um enunciador que integra outras vozes provenientes do passado e do futuro. [...]*

*Neste poema encontramos a voz de um poeta que se vê como representante de muitas outras vozes e que tem consciência de que a coletividade é importante para a conquista e a consolidação de qualquer espaço de liberdade. A poesia deixa de ser então lírica no sentido restrito de ser a expressão individual, mas a conjugação de vários indivíduos que, justamente por ser capaz de confluír, pode criar uma voz articulada capaz de restaurar a humanidade do mundo. [...]*

*No poema "O futuro cidadão", percebemos que a preocupação do poeta está muito além do mundo imediato, seu bairro ou sua cidade, independente da declaração do poeta na entrevista que recortamos acima. O mundo livre ainda não nasceu e a utopia – a nação está no horizonte – é imaginada por alguém que ainda não é um cidadão. O futuro cidadão, no entanto, já emerge e anuncia a sua chegada. Esse pré-cidadão termina por ser o mais cidadão de todos, e isso exatamente pela conquista da consciência de sua condição, legitimada pela linguagem da poesia. [...]*

*O tom da linguagem, cujo corpo e voz contribuem para produzir o efeito de um programa político, pode ser acompanhado na busca de unidade entre nação e cidadão que é anunciada nesse mundo prenhe de virtualidades: não existe ainda nem a nação nem o cidadão, pois ambos devem nascer juntos. Não é possível ser cidadão de uma terra comandada pelos colonizadores, ou o poeta não está interessado em ser cidadão de algo que não tenha a ver com a realidade e os sonhos de seu povo. A poesia é então a plenitude da utopia, caracterizada pela junção de todos os moçambicanos que deverão assumir o seu destino, quando conseguirem conquistar o seu espaço.*

[<<http://tvcultura.cmais.com.br/provocacoes/pgm-128-a-poesia-09-03-2002>>]

[35]

**Total marks: 70**